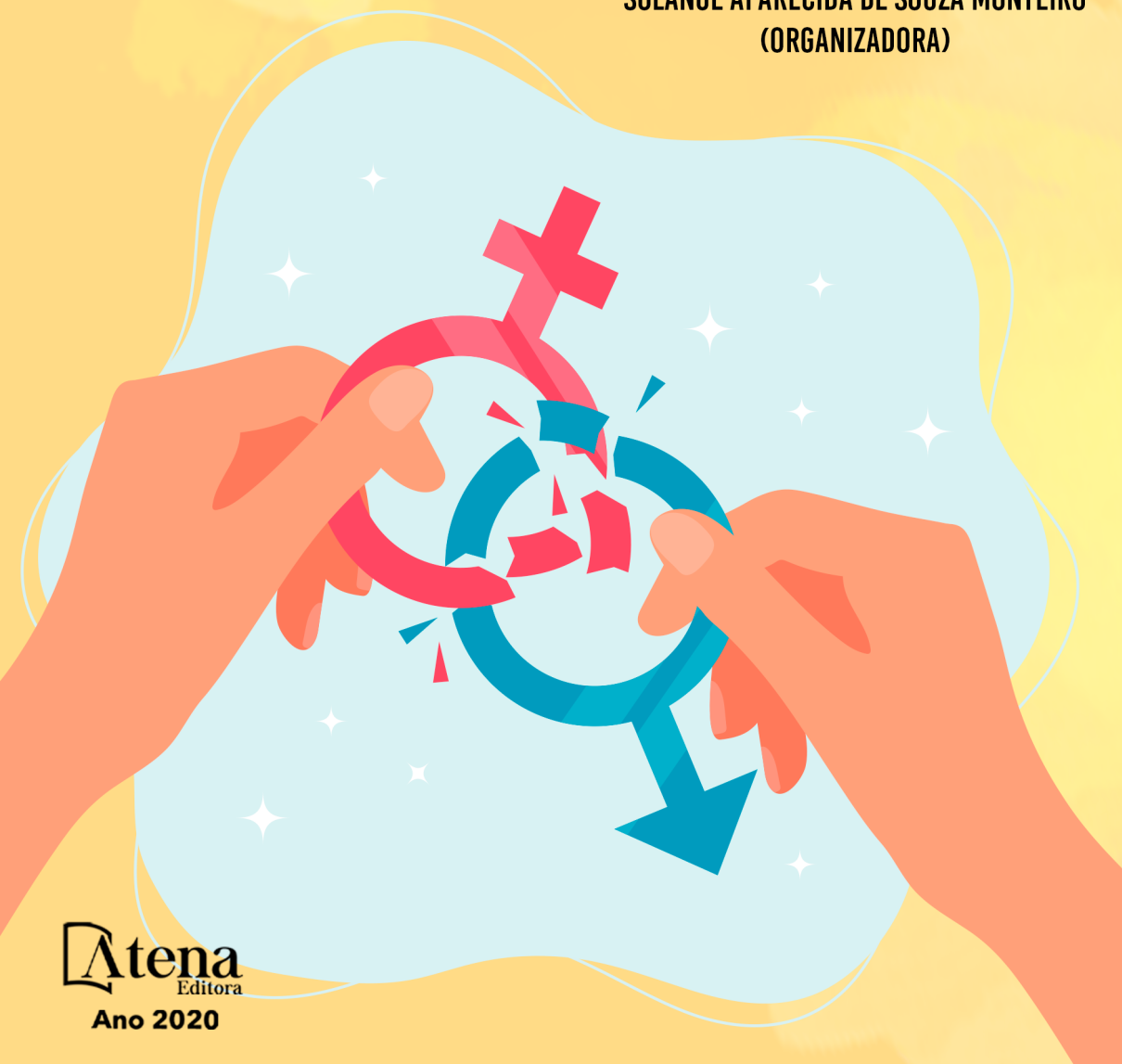


RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Solange Aparecida de Souza Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M775r Monteiro, Solange Aparecida de Souza.
Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-451-1
DOI 10.22533/at.ed.511203009

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I.Monteiro, Solange Aparecida de Souza..

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

SE UM DIA AS MULHERES ENFURECESSEM

Adriana Novais

Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.

Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.

Jamais transariam sem vontade.

Se um dia as mulheres se enfurecessem não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.

Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.

Em fúria não usariam roupas desconfortáveis em nome da aparência.

Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.

Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.

Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.

Em fúria não seria escrava em sua própria casa.

Se um dia as mulheres se enfurecessem, calariam a boca dos padres e dos pastores que pregam o dever da sua submissão.

Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas, no trabalho, nas delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos dentro das suas casas.

Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem e os filhos a não estuprarem.

Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem, escrachariam todos os companheiros de luta, dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo disfarçado no discurso revolucionário.

Em fúria, ocupariam os jornais, as redes de televisão contra a misoginia e o racismo.

Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas, de todos os lugares, de todas as etnias, esmagariam todas as correntes da sua opressão.

Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade

As práticas sexistas podem decidir o que pertence ao mundo masculino e ao feminino, reguladas em estereótipos culturais arraigados desde a idade medieval como um padrão heteronormativo que deve ser seguido pela sociedade, se alguém desviar-se do prescrito será estigmatizado dentro do seu meio. Conforme os relatos de estudiosos nesse e-book, essas práticas são reforçadas na instituição escolar através da diferenciação que alguns docentes fazem do menino e da menina, na formação das filas, dos crachás e até mesmo nas escolhas dos brinquedos. Assim quando as crianças escolhem brinquedos que não são recomendados para o seu gênero conforme o padrão heteronormativo elas são repreendidas na família, na escola e na sociedade

Finco (2003) aponta

[...] relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Nesse sentido, proporcionaremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos vivenciando a infância na sua inteireza sem a interferência de ninguém padronizando um perfil como certo ou errado (FINCO, 2003).

Para Louro (2000), desconstruir essa forma de pensar desmistifica esses dois planos homem e mulher, retira-se esse pensamento de como se fossem dois polos diferentes e não pudessem ocorrer as interações entre eles. Essa proposta da desconstrução das dicotomias busca enfatizar estes dois polos não existem, ocorre uma pluralidade e, através dessas dicotomias pode ser um dos primeiros passos para um questionamento das relações de gênero levando ao fim do sexismo. Para a autora, existe uma lógica dualista que rege as polaridades, desmontando não apenas a ideia de que cada um dos polos masculino e feminino está presente um no outro, mas também que as oposições foram e são historicamente construídas. Esse processo de desconstrução não ocorre de maneira simples, mas ao longo prazo através de uma reflexão sobre as formas como as crianças se relacionam diante das diferenças de gênero na infância. É de extrema necessidade desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto brinquedos e brincadeiras assumirem papéis de masculino ou feminino na escola estaremos fadados ao insucesso. Apesar de todas essas situações apresentadas estarem implícitas no dia a dia da escola e nas práticas pedagógicas de alguns docentes, a temática

ainda é muito restrita, geradora de medo, desconhecimento e pouco científico. Deve-se sair do senso comum, do conservadorismo, do obscurantismo, sobrepondo-se a vigilância epistêmica, no agir de forma questionadora, enfrentando o que nos causa tanto receio e que nos destina a fortalecer recrudescimento, desfazendo mitos e tabus no sentido de disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer pedagógico para emancipar por meio da educação e das meninas e dos meninos pode ser uma forma de florescer dentro dos muros das escolas.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MUJERES Y EDUCACIÓN: UNA HISTORIA EN LA PROVINCIA MEXICANA A MEDIADOS DEL SIGLO XX

Cirila Cervera Delgado

Mireya Martí Reyes

Esteffany Muñiz Paz

DOI 10.22533/at.ed.5112030091

CAPÍTULO 2..... 12

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA GERADA PELO NOVO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E O PAPEL DO DIREITO

Andressa Santos de Almeida

Tercília Júlia Oliveira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5112030092

CAPÍTULO 3..... 24

DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA IDENTIFICAÇÃO FEMININA, DA DICOTOMIA À FRAGMENTAÇÃO

Rafaela Sepulveda Aleixo Lima

Laís Teixeira Lima

DOI 10.22533/at.ed.5112030093

CAPÍTULO 4..... 36

A CULTURA MASCULINIZADA DO AUTOMÓVEL E A FORMAÇÃO DO MOTORISTA BRASILEIRO

Carla Rezende Gomes

DOI 10.22533/at.ed.5112030094

CAPÍTULO 5..... 56

A GAROTA PIN-UP: OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Paula Oliveira Barros

DOI 10.22533/at.ed.5112030095

CAPÍTULO 6..... 62

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DA DIFERENÇA SEXUAL

Rogério Goulart da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5112030096

CAPÍTULO 7..... 73

MEDICALIZAÇÃO E GÊNERO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E AS PRÁTICAS DE SAÚDE DA MULHER

Júlia Gonçalves Barreto Baptista

Thais Maria Nogueira da Gama

Paula Land Curi

DOI 10.22533/at.ed.5112030097

CAPÍTULO 8..... 84

ESTUDO DISCURSIVO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Roberto Bezerra Costa

DOI 10.22533/at.ed.5112030098

CAPÍTULO 9..... 96

UMA VOZ FEMININA E DISSONANTE NA EDUCAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE 1946 -1950: MARIA ANGÉLICA DE CASTRO

Cleyde Oliveira de Castro

Murilena Pinheiro de Almeida

Maria de Lourdes Esteves Bezerra

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho

Emerson Marques Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.5112030099

CAPÍTULO 10..... 110

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: O CASO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Jascira da Silva Lima

DOI 10.22533/at.ed.51120300910

CAPÍTULO 11 118

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO: OS REFLEXOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES LABORAIS FEMININAS

Leticia dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.51120300911

CAPÍTULO 12..... 123

GERENCIALISMO NEOLIBERAL E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES

Paula da Luz Galvão

DOI 10.22533/at.ed.51120300912

CAPÍTULO 13..... 134

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Heintze Ferreira

Franciéle Marabotti Costa Leite

Letícia Peisino Buleriano

Rita de Cássia Duarte Lima

DOI 10.22533/at.ed.51120300913

CAPÍTULO 14..... 155

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Caroline do Socorro Freitas Maciel

José Valdinei Albuquerque Miranda

DOI 10.22533/at.ed.51120300914

CAPÍTULO 15	165
A FORÇA SIMBÓLICA DAS POLÍTICAS DE COTAS DE GÊNERO NO BRASIL	
Pollyane Cunha Ferreira	
Rita de Cássia Alanna Pereira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.51120300915	
CAPÍTULO 16	187
A INSERÇÃO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO MARANHÃO	
Rosylene Conceição Soares Cutrim	
Sirlene Mota Pinheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51120300916	
CAPÍTULO 17	201
PRESENÇA DAS MULHERES NOS SINDICATOS DOCENTES NO BRASIL	
Adenilde de Souza Dantas	
Maria Helena Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.51120300917	
CAPÍTULO 18	214
SOBRE ESPAÇOS DE TEORIZAÇÃO FEMINISTA E SUAS OPRESSÕES	
Jacqueline Mary Soares de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.51120300918	
CAPÍTULO 19	224
AS LACUNAS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS	
Glauce Margarida da Hora Medeiros	
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão	
DOI 10.22533/at.ed.51120300919	
CAPÍTULO 20	242
REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO	
Reinaldo Eduardo da Silva Sales	
Mayara Mendes Leal	
Helen Batista da Silva	
Ítalo Fabiano Corrêa Silva	
Paulo Henrique Garcia da Silva	
Thiago Roniere do Rosário Matos	
DOI 10.22533/at.ed.51120300920	
CAPÍTULO 21	253
INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA MELHORIA DE CONHECIMENTO SOBRE IST/HIV/AIDS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS	
Karoline Pontes Cavalcante Manguinho	
Priscila de Vasconcelos Monteiro	

Maria Lúcia Duarte Pereira
Monalisa Rodrigues da Cruz
Catarina Laborê Vidal Fernandes
Alana Kelly Áfio Caetano
Bruna Karine Amorim da Costa
Rita Maria Silva Almeida
Rayssa Veras Camelo
Rita de Cássia Gadelha da Silva
Rachel Cabral Mota
Laryssa Sá Machado

DOI 10.22533/at.ed.51120300921

CAPÍTULO 22.....259

GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Melissa Camilo
Débora Cristina Machado Cornélio
Débora Fernandez Antonon Silvestre
Marilurdes Cruz Borges
Jeize Loici Back
Monique Delgado de Faria
Fabrício Augusto Correia da Silva

DOI 10.22533/at.ed.51120300922

SOBRE A ORGANIZADORA.....277

ÍNDICE REMISSIVO.....278

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 14/07/2020

Caroline do Socorro Freitas Maciel

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação Educação Cultura PPGEDUC/UFPA
Cametá – Pará
<http://lattes.cnpq.br/8906804302836630>

José Valdinei Albuquerque Miranda

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação Educação Cultura PPGEDUC/UFPA
Cametá – Pará
<http://lattes.cnpq.br/6745148327397484>

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo discutir a questão de gênero e sexualidade na educação por meio de arte-performance e sua potência inventiva de construir espaços de heterotopias na educação. Busca-se pensar a performatividade de gênero articulada às linguagens do corpo como produção de atos de transgressão, resistência e criação de uma arte híbrida na educação. Em sua perspectiva teórico-conceitual o trabalho dialoga com BUTLER (2017), FOUCAULT (2013), LOURO (2003), PASSETI (2008), LEMEBEL (1986), autores que inspiraram a composição e realização da pesquisa na perspectiva da diferença em que os conceitos de arte-performance e performatividade de gênero, instigam a problematizar as questões de gênero e sexualidade nos espaços educacionais, bem

como mobilizam processos de transgressão, resistência e invenção do corpo híbrido na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, arte-performance, performatividade, gênero, heterotopias.

GENDER PERFORMANCE: INVENTIVE HETEROTOPIAS IN EDUCATION

ABSTRACT: This work aims to discuss the issue of gender and sexuality in education through art-performance and its inventive potential to build spaces of heterotopias in education. It seeks to think of gender performativity articulated to the languages of the body as the production of acts of transgression, resistance and creation of a hybrid art in education. In its theoretical-conceptual perspective the work dialogues with BUTLER (2017), FOUCAULT (2013), LOURO (2003), PASSETI (2008), LEMEBEL (1986), authors who inspired the composition and realization of research from the perspective of the difference in which the concepts of art-performance and gender performativity, instigate the problematization of gender and sexuality issues in educational spaces, as well as mobilize processes of transgression, resistance and invention of the hybrid body in education.

KEYWORDS: Education, art-performance, performativity, gender, heterotopias.

1 | INTRODUÇÃO

A escola enquanto instituição administrada pelo estado tem sido ao longo de séculos concebida como um lugar do instituído, da disciplina, da ordem, da norma, por ser esse lugar de formação e de disciplinamento dos corpos acaba produzindo delimitações e determinações de lugares por onde as subjetividades e as questões de gêneros podem transitar, nesse sentido deve-se problematizar as concepções deterministas e instituídas que condicionam e demarcam o lugar do gênero e da sexualidade na escola. Para realizar essa problematização o trabalho busca se aproximar da perspectiva teórico-conceitual de Judith Butler (2017), Guacira Louro (2016) Michel Foucault, (2013), Edson Passeti (2008), Pedro Lemebel (1998), autores que inspiraram a composição e realização da pesquisa na perspectiva da diferença. A perspectiva aberta por esses intercessores, conectada aos conceitos de corpo e performatividade de gênero, instigam a problematizar as questões de gênero e sexualidade na educação, bem como mobilizam pensar processos de resistência e transgressão dos corpos híbridos e a criação de espaços heterotópicos na educação.

O estudo busca discutir espaços de liberdade criados por subjetividades subversivas, que escapam das regras de enquadramento, um corpo híbrido que se monta e desmonta, um corpo inventado que potencializa a criação de espaços de liberdade por meio de sua arte transgressora. Em relação com o contexto educacional esse corpo inventado coloca questões para escola, um *corpo estranho* Louro (2016) que ao expressar pela arte-performance suas nuances de gênero leva a tencionar os limites de um mundo demarcados por fronteira fixas, questiona os poderes disciplinadores e as regras regulatórias que atuam sobre o corpo e a sexualidade nos espaços educacionais.

A performance de gênero produzida por um corpo híbrido borra a fronteira entre a vida e arte, questionado o lugar instituído e naturalizado do gênero na sociedade e na educação, segundo Judith Butler (2017, p. 191) “É o estranho, o incoerente, o que está “fora” da lei, que nos dá uma maneira de compreender o mundo inquestionado da categorização sexual como um mundo constituído, e que certamente poderia ser construído diferentemente”. Destacamos a performatividade do gênero, enquanto uma construção social e não algo biológico e natural, nesse sentido propomos a dessacralização do gênero no contexto educacional.

No contexto escolar cotidianamente são desenvolvidas ações para regularização das posturas e dos posicionamentos dos sujeitos, contrariamente a essas demarcações rígidas e fixas busca-se pensar o campo educacional a partir do conceito de *heterotopia*, como criação de outros espaços e ação política de contra posicionamento, de resistência, de criação de espaços de liberdade, frente ao instituído. A partir de Foucault, especialmente no seu texto “O corpo utópico e as heterotopias”, destaca-se que o conceito de *heterotopia* abre a possibilidade de pensar novos agenciamentos coletivos que problematizam o corpo e o gênero e seus lugares idealizados e sacralizados convencionalmente dando visibilidade a grupos minoritários, especialmente a perspectiva *queer* de comunidades LGBTQIA+ na educação.

21 PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

Permanentemente no contexto educacional ocorrem tentativas de limpeza, reforma e correção do corpo segundo a heteronormatividade, que impõem regras de disciplinamento e padrões de comportamento sobre os corpos educáveis. Contrapondo às formas de regulação, pensamos a partir do entendimento de *Corpo Estranho* trazido por Louro (2016), o conceito de corpo não como algo fixo, natural e determinado, e sim sempre em movimento, em construção, um corpo em constante processo de montagem e desmontagem, um corpo que se inventa ao seu modo e desnaturaliza as questões do gênero e sua relação com a cultura. Nessa perspectiva, “o corpo culturalmente construído será então libertado, não para seu passado “natural”, nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais” (BUTLLER, 2017, p. 164)

A performance de gênero se inscreve como uma arte que provoca desajustes e contesta as demarcações de gênero, interligando arte-vida e recriando os espaços, para além da “heteronormatividade compulsória” que produz silenciamentos dos corpos e das vozes dos sujeitos da diferença nos espaços educacionais. Butler, destaca o gênero enquanto uma construção social que internalizamos como algo natural ao longo do tempo por meio do discurso.

A linguagem é investida do poder de criar “o socialmente real” por meio de atos de locução dos sujeitos falantes. [...] A Linguagem é um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos na realidade que acabam sendo percebidos como “fatos”. Considerada coletivamente, a prática repedita de nomear a diferença sexual criou essa aparência de divisão natural. A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato *performativo* institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos. (BUTLER, 2017, p. 200).

A linguagem, ao nomear sujeitos e grupos de determinado modo, não simplesmente representa alteridade, mas constrói modos de vida e de identidades que passam a condicionar e regular seu comportamento, seu corpo, seu modo de vida. Pela linguagem o poder disciplinador da “heteronormatividade compulsória” atua sobre o *corpo estranho* na educação impondo-lhe um sistema de convenções que visa a sua normalização e docilidade política. Nesse processo, entra em cena, no ambiente escolar, os mecanismos de poder que atuam para colocar o corpo estranho dentro do padrão moral aceitável de convivência social, entretanto os corpos híbridos e seus desejos subversivos não param de produzir novos lances na educação.

No espaço escolar habitam múltiplas subjetividades com estilos de vida cada um com sua singularidade, nesse espaço a invenção de processos de normalização e disciplinamento investem na captura e padronização das subjetividades e dos corpos. Discutir a performance de gênero na educação possibilita pensar o corpo e a subjetividade

num horizonte de construção e desconstrução, invenção e reinvenção, a partir das experimentações da arte performance, destacamos a dimensão política e estética dos corpos que transitam e inventam novas relações de gênero e formas de convivências com o outro, rompendo fronteiras e desafiando as regulações impostas pela norma, e com isso possibilitam a criação de espaços de liberdade. As performances de gênero ao problematizar e desviar da norma criam novos espaços para experimentar as relações de gênero para além dos regimes heteronormativos, aproximando do que Passetti (2008) denomina de “heterotopias inventivas na educação”. Pensar a escola como novo espaço de reinvenção do corpo e de subjetividade por meio das performances corporais de gênero capazes de produzir conforme Passetti (2008) “heterotopias anárquicas”, pensamento libertário e subjetividades subversivas.

A performance, enquanto prática artística e cultural, denuncia e interfere na realidade, dando visibilidade as comunidades minoritárias e marginalizadas. Ao propor discutir a performance de gênero, buscamos usar a arte da performance como canal de transgressão e resistência no campo educacional, uma “arte de fronteira no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado “arte-estabelecida, a performance acaba penetrando por caminhos e situações não valorizadas como arte” (COHEN, 2013, p. 37-38). Arte de fronteira que questiona as tramas dos poderes instituídos, a naturalização do gênero, a padronização dos corpos e traz para a cena a expressão das minorias e sua rebeldia frente aos poderes majoritários, com enfoque dessa pesquisa, nas comunidades LGBTQIA+. A performance de gênero, na educação, é ferramenta de agenciamento e resistência, uma ação política e estética de enfrentamento ao instituído e sacralizado no espaço social e escolar.

Para Pereira (2013, p. 32) “a performance interroga, resiste e intervém; designa uma forma libertadora de ação; dissolve as fronteiras entre a arte e a vida; rememora e reflete o vivido; relacionando-se, portanto, com o múltiplo, com o diverso e com o diferente”. A performance como arte de fronteira questiona, resiste e intervém, o corpo político ganha visibilidade, potencializa força inventiva que afirma a vida, nas palavras de Butler “vidas que importam” e que merecem respeito.

A performance de gênero de Pedro Lemebel, escritor e performer chileno, transita no entrelugar, um lugar de fronteira que desconstrói o lugar da representação do gênero, rompendo a fronteira entre o masculino e feminino produzindo enunciações coletivas de um povo que se expressa por meio de sua performance de gênero, seu corpo em performance se torna um corpo político e coletivo. A performance expressa a potencialidade do corpo, não apenas um corpo que se monta com ornamentos e artefatos, mas o corpo desmontado, desnudado, enquanto potência de agenciamento coletivo.

Na educação, constantemente, a diferença é pensada na perspectiva da limpeza, reforma e correção, a performance de gênero nos permite pensar as questões de gênero e corpo como potência estética e política da diferença, um corpo que afirma modos de vidas

que não foram capturados pela norma. A performance de Lemebel e Casas afirma essas vidas e nos impulsiona a questionar os lugares instituídos que condicionam e regulam os corpos e a sexualidade. Assim, “o trabalho do artista de performance é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema” (COHEN, 2013, P. 45).

O performer questiona, através do corpo, a naturalização do gênero entre masculino e feminino, desnaturalizando e desconstruindo o corpo, enquanto um dado natural. Um corpo que se desmontam e se remontam ao seu modo, cria múltiplas possibilidades, escapa da demarcação heteronormativa e recria um corpo como espaço de heterotopia. A performance atua como um “discurso radical, do combate, da militância” (COHEN, 2013, p. 88).

Na performance de gênero o corpo rompe com a dureza e a rigidez do corpo masculino, destacando o corpo, como algo temporário, montagem e desmontagem, indeterminação, indefinido, fronteiro. Um corpo que inventa o seu modo de ser e que experimenta viver na fronteira, não quer se tornar algo fixo e nem almeja uma identidade, mas quer inventar o seu corpo na diferença. Um corpo e uma sexualidade que não se encaixam nos padrões estabelecidos, pois, estão sempre em trânsito, em montagem, em construção, em invenção, um corpo que escapa da ordem binária, feminino ou masculino, homem ou mulher, e se inventa ao seu modo, sem querer ser um ou outro, e sim múltiplos, vários. Um corpo se monta, se desmonta e se remonta permanentemente.

A produção da liberdade de jogar e brincar com o corpo e com o gênero, que se torna uma geografia de fronteira, o corpo como essa superfície de fronteira que se inventa ao seu modo. Discutimos o corpo como movimento, fora da fixidez, da seriedade e da rigidez, na sua fluidez, na leveza dessa montagem e desmontagem que brinca, transita e habita as fronteiras. É desse lugar de fronteira que um corpo inventado, produzido ao seu modo, coloca questões para os espaços, e ao questionar os espaços inventa heterotopias.

Como observa Renato Cohen (2002, p. 27), a arte da performance é uma “arte de fronteira”. Essa denominação se aplica tanto aos elementos que as constituem quanto aos sentidos que ela comporta. Do ponto de vista *constitutivo*, isso aplica a flexibilização de formas expressivas, ou seja, o hibridismo de linguagens artísticas. Do ponto de vista de sua *significação*, tal definição remete ao seu caráter de crítica e denúncia social. (PEREIRA, 2013, p. 28).

Por meio da arte performance nos remetemos as suas características de crítica e denúncia social, as questões de gênero não são discutidas na maioria das escolas, são silenciadas por meio do discurso religioso ainda muito propagado. Pedro Lemebel rompe com suas performances a fronteira polarizada das questões de gênero e da sexualidade, que nos leva a pensar em que sentido a performance de gênero dessacraliza a educação? Seu corpo potencializa a performance de gênero, a fronteira do corpo, para além das

polaridades do gênero, tensiona e dessacraliza as determinações naturalistas do corpo em feminino ou masculino, dissolve a fronteira do “ou” e abre a possibilidade de pensar o corpo a partir do “e” pensar o gênero e corpo como rizoma segundo Deleuze e Guattari:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” [...] Viajar e se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. Mover-se entre as coisas, instaurar uma lógica do E, reverter a ontologia, destituir o fundamento, anular fim e começo. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 36)

Um corpo sem demarcações fixas, mesmo que cotidianamente o corpo seja vigiado para seguir formas e padrões, nos propomos pensar esse corpo na lógica rizomática do “e” com a possibilidade de experimentar uma constante movimentação em busca de liberdade. Um corpo-rizoma que está sempre no meio, entra e sai, movimentos transversais entre uma e outra linha polar que lhe permite traçar linha de fugas que escapam às normas, às regras e recriam outros espaços de liberdade.

Um permanente jogo de novas composições que permitem reinventar e produzir um corpo na diferença, uma performance de gênero que produz novos agenciamentos minoritários e coletivos. Um corpo-rizoma em constante composição “e...e...e...” um corpo que na sua maquinaria produz novos agenciamentos coletivos, anuncia um mundo possível e afirma outros modos de vida para além das bifurcações e polaridades do gênero.



Figura 1: La última cena – video casa particular

Fotografia: Captura de pantalla casa particular.

Disponível em: < www.yeguasdelapocalipsis.cl/1989-la-ultima-cena-video-casa-particular>

A performance *La última cena – video casa particular*, ocorreu no final dos anos de 1989 quando Gloria Camiruaga realizava a filmagem de um documentário sobre o prostíbulo travesti “casa particular”. Junto com os travestis do bordel Lemebel e Casas encenaram a última ceia cristã, a inspiração veio de uma tapeçaria pendurada em um dos quartos do lugar com a imagem da “A Última Ceia” de Leonador da Vinci.



Figura 2: La última cena – video casa particular

Fotografia: Captura de pantalla casa particular.

Disponível em: <www.yeguasdelapocalipsis.cl/1989-la-ultima-cena-video-casa-particular>

A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo do outro. De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro”. (FOUCAULT, 2013, p. 12).

O que para Foucault (2013) poderia ser lido como um processo de instalar o corpo em um outro espaço por meio da performance, com Deleuze e Guatarri (1995) podemos aproximar do processo de desterritorialização, não apenas do corpo, mas da própria imagem como observamos na performance “a última ceia”, onde um acontecimento da religião cristã é desterritorializado pela performance de gênero inscrita na obra e reterritorializado no solo das questões de gênero a partir de uma nova imagem, que conjuga a dimensão religiosa ao caráter político da diferença enunciada pela performance de gênero.

Lemebel, por meio da performance de gênero, reterritorializa a imagem da Santa Ceia inscrevendo nela a presença viva de um corpo marcado pela sua diferença. Com este procedimento performático questiona e intervém na realidade, utiliza a performance para desterritorializar e reterritorializar o corpo para além dos lugares instituídos que demarcam

a fronteira de gênero. Nessa nova imagem produzida pela performance de Lemebel as vidas marginalizadas são reterritorializadas em um novo cenário político da diferença.



Figura 3: Chile return aids

Disponível em: <[A performance “Chile Return Aids” foi realizada durante a parada gay de 1994 em Nova York, por meio dela, busca-se denunciar os estereótipos que associam o vírus HIV às comunidades LGBTs como grupos de riscos a serem segragados socialmente, além do que a performance, também chama a atenção para a violência direcionada a estas comunidades e o crescimento da AIDS na década de 80 e início de 90, que afeta à população travesti no Chile, sem maiores atendimentos por parte do estado. Na performance:](http://www.google.com.br/search?q=chile+rerurn+aids+Lemebel&oq=chile&aqs=chrome.0.69i59j69i57j69i59l2j69i65j69i60.3724j0j7&client=ms-android-samsung&sourceid=chrome-mobile&ie=UTF-8#imgdii=3_MU1eod2fD5yM:&imgrc=d3JoK5xYuhc4FM:>></p></div><div data-bbox=)

O artista lida com a transgressão, desobstruindo os impedimentos e as interdições que a realidade coloca (a obra de arte vai se caracterizar por ser uma outra criação). A performance é basicamente uma arte de intervenção, modificadora, que visa causar uma transformação no receptor” (COHEN, 2013, p. 45-46).

Para além da mera contemplação dos lugares, o performer transita pela cidade, pela escola e estabelece processos de intervenção nestes lugares. A performance de gênero, enquanto processo de intervenção, lança questões provocativas, problematizando lugares demarcados e sacralizados, fazendo vibrar processos libertários das vidas marginalizadas, produzindo efeitos performáticos que interferem na realidade da cidade e transformam os espaços da educação.

Uma performance de gênero insinua uma linha de fuga dos limites regulatórios e disciplinadores, transgredindo e intervindo na realidade educacional, enquanto arte de fronteira que retrata vidas em fronteiras, vidas marginalizadas, que são excluídas por não seguir o padrão heteronormativo. Para Butler, “o molde e a forma dos corpos, seu princípio unificador, suas partes combinadas são sempre figurados por uma linguagem impregnada de interesses políticos” (BUTLER, 2017, p. 217). Ao discutir por meio da performance essas questões que, geralmente, são silenciadas, abrimos outros espaços de heterotopias e liberdade no campo educacional para expressão política e estética da diferença de gênero na educação.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da Performance, nos dispomos a tencionar os espaços no âmbito educacional, o corpo que se insinua como possibilidade outros de viver a sua sexualidade borrando as próprias fronteiras do gênero. Um corpo que se monta e se desmonta, uma montagem e desmontagem do corpo rompendo com a própria ideia de essência de um corpo, e colocando-o no seu plano político da invenção, um corpo político que monta e se desmonta nesse jogo performático, e que joga com o olhar do outro, um movimento de desconstrução, que borrando as polaridades padronizadas de gêneros afirma um desejo de um corpo político, uma micropolítica de resistência, a dimensão política do corpo enquanto canal que possibilita fluir outras possibilidades de existir.

As utopias são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais. Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contra posicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente Localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei em oposição às utopias, de heterotopias. (Foucault, 2013, p. 30)

Pensamos, assim, a problematização e a invenção de novos espaços por aqueles que não se conformam com os espaços determinados, com as sexualidades e questões de gênero normalizadas pela sociedade, subjetividades inconformadas que subvertem a ordem, os padrões do corpo e da sexualidade naturalizada e inventam novas possibilidades. Buscamos trazer esses espaços de tensionamento e de invenção, mundos questionados pela performance, que afirma o lugar da diferença. A afirmação da sexualidade e do corpo,

no campo da diferença produz espaços heterotópicos, ao montar e desmontar o corpo ao seu modo, mostramos a resistência e a afirmação de outros modos de vida que tensionam e recriam os espaços para além dos já sacralizados e instituídos.

A articulação do conceito de heterotopia nos permite pensar a educação, como espaço de tensionamento e invenção, a performance de gênero como arte potencializadora de espaços heterotópicos, ao criar seu corpo ao seu modo, ao tensionar os espaços condicionados, o performer também inventa outros espaços para além dos já existentes e normalizados da sociedade. A presença da diferença de gênero nos espaços educacionais produz processos libertários que borram as fronteiras heteronormativas demarcadas e com sua presença performática os corpos híbridos vão reinventando-se na multiplicidade e singularidade de sua arte produzindo subjetividades livres e criando espaços de heterotopias inventivas na educação.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Acácio. PASSETTI, Edson. **Anarquismos & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS)

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Michel Foucault; posfácio de Daniel Defert; tradução, Salma Tannus Muchail. São Paulo: n1 Edições, 2013.

LEMEBEL, Pedro. **Performance e texto**. Trad. Alejandra Rojas Covalski. Balada Literária 2013. Disponível em: www.baladaliteraria.com.br

LEMEBEL, Pedro. **De perlas y cicatrices**. Santiago de Chile: Editorial LOM, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Marcelo de Andrade Pereira (organizador). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise de Discurso 84, 90, 224, 227, 239

Assédio 118, 119, 120, 121, 122, 183, 203

C

Cidadania 20, 36, 53, 54, 65, 126, 172, 187, 191, 193, 199, 226, 238, 272, 273, 274

Coeducação 62, 70, 71

Cultura 24, 96, 97, 99, 104, 105, 106, 108, 155, 213, 241, 272, 273, 277

Cultura Machista 96

D

Desigualdade 12, 16, 26, 63, 64, 110, 114, 116, 120, 134, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 177, 178, 188, 194, 224, 226, 237, 238, 239, 271

Diferença Sexual 28, 31, 32, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 157, 190

E

Educação 35, 36, 38, 41, 53, 54, 55, 62, 68, 70, 71, 83, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 117, 155, 164, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 212, 213, 226, 228, 240, 241, 252, 254, 263, 268, 272, 273, 274, 275, 276, 277

Educação Formal 111, 132, 140, 142

Ensino de Língua Portuguesa 84, 85

Estereótipos 16, 39, 41, 44, 62, 63, 68, 69, 71, 80, 84, 85, 91, 162, 202, 218, 249, 250, 265, 276

F

Feminismo 24, 25, 26, 27, 28, 31, 35, 66, 82, 83, 123, 131, 154, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 184, 186, 202, 212, 214, 216, 218, 220, 221, 222, 223, 270

Formação de Motoristas 36

G

Gerencialismo Neoliberal 123

Gestão Educacional 96

I

Identidade de Gênero 29, 70, 84, 91, 192, 193, 195, 197, 209, 210, 212

Identidade Feminina 24, 25, 27, 28, 30, 34, 87, 147, 210

Identidades 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 55, 61, 63, 84, 85, 93, 110, 111, 112, 132, 157, 196, 197, 201, 202, 207, 216, 221, 228, 233, 237, 268, 270, 271, 274, 275, 276

Imagem 40, 43, 56, 57, 58, 59, 61, 98, 133, 161, 162, 211, 226, 245, 273

Isolamento 12, 13, 16, 17, 18, 21, 23, 118

M

Masculinidades 36, 39, 55, 89

Medicalização 73, 76, 77, 78, 79, 80, 83

Moral 5, 10, 15, 53, 60, 99, 118, 119, 120, 121, 137, 143, 146, 147, 157

Mulher 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 42, 43, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 91, 92, 96, 98, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 167, 168, 169, 170, 172, 178, 181, 183, 184, 187, 190, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 225, 226, 227, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 252, 259, 260, 261, 266, 273, 274, 275, 276

Mulheres 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 39, 40, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 273

P

Papéis de Gênero 36, 51, 54, 194

Patriarcalismo 26, 118, 119, 120, 121, 203, 212

Pin-Up 56, 57, 59, 60, 61

Políticas Públicas 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 166, 183, 190, 192, 194, 195, 221, 236, 240

Práticas Escolares 96, 102, 274

Q

Quebradeira de Coco Babaçu 110, 112, 117

S

Saúde da Mulher 73, 74, 80, 82, 113, 134, 142, 145, 149, 150, 152

Século XX 108

Sexualidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 54, 57, 58, 60, 61, 63, 66, 70, 71, 77, 79, 82, 83, 94, 95, 132, 143, 155, 156, 159, 163, 164, 169, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 243, 244, 248, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277

T

Trabalhista 118, 203

Trânsito 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 159, 214, 218, 219, 220, 221

V

Violências 13, 15, 110, 113, 143, 198, 268, 269, 270, 271

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 